

Painel 09 - EDUCOMUNICAÇÃO, JUVENTUDE E A CULTURA DA PAZ

Mediadora: Prof. Dra. Dilma de Mello Silva, ECA-USP

EDUCOMUNICAR PARA A DIVERSIDADE – UM ESTUDO SOBRE A HOMOFOBIA NA ESCOLA PÚBLICA

Raphaela Secco Comisso

Raphaela Secco Comisso - Especialista em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação pela USP e graduada em Letras pela Unicamp, com experiência em produção de material didático digital, design instrucional, edição de conteúdo e revisão e preparação de textos.

Esta pesquisa qualitativa investiga, por meio de entrevistas com professores da Escola de Aplicação da FEUSP, causas e implicações da homofobia no ambiente escolar, considerando, sobretudo, duas iniciativas governamentais – Programa Brasil Sem Homofobia e Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT – e as principais diretrizes da Educomunicação. A partir da coleta, análise e interpretação dos dados, este trabalho apresenta também propostas educacionais destinadas a alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a fim de que, de forma colaborativa e midiática, possam questionar o padrão heteronormativo vigente na sociedade e, por consequência, na escola.

A problematização das causas e implicações da homofobia na escola apresenta relevância para o entendimento de mecanismos sociais gerais, uma vez que essa forma de violência não atua e nem existe isoladamente, mas em conjunto com outros fatores e fenômenos enraizados historicamente. Parte-se do fato de que a sexualidade é quase sempre velada ou tratada como algo normativo e passível de padronização, para refletir sobre a sua categorização, a criação de estigmas e a discriminação, que representam empecilhos à construção da cidadania de qualquer indivíduo e que, portanto, não devem ser admitidas em nenhum ambiente. Nota-se que a escola, entretanto, apresenta diferentes estratégias e agentes que mantêm as desigualdades a favor de uma cultura hegemônica, baseada no machismo.

A opção pelo viés analítico educacional em todas as etapas da pesquisa possibilitou novos olhares para as questões tratadas e novas propostas para os conflitos identificados. Uma vez que o estudo das relações entre sexualidade e

educação apresenta-se como inédito no campo da Educomunicação, neste trabalho são feitas também referências a teorias de outras áreas. A busca geral, nessa perspectiva, é pela inserção do tema da diversidade nas agendas escolares, valorizando as noções primeiras de respeito e cidadania e incluindo o debate de currículos, parâmetros, materiais didáticos e condutas. Isso porque, por ser uma nova área que trabalha nas interfaces entre comunicação e educação, a Educomunicação é necessariamente inter e transdisciplinar, e propõe a quebra da rigidez do sistema funcionalista da comunicação e da raiz iluminista e enciclopédica da “educação bancária”, termo cunhado por Paulo Freire.

O problema central aqui foi investigar, por meio de entrevistas com cinco professores da Escola de Aplicação da FEUSP, como a homofobia é vista e tratada no ambiente escolar, de modo a verificar se os princípios, objetivos e diretrizes descritos nos documentos do Programa Brasil sem Homofobia e do Plano Nacional de Políticas de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT⁵² (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) são conhecidos e postos em prática naquela realidade. É importante esclarecer que esta pesquisa não pretendeu inaugurar generalizações acerca da homofobia na escola, mas partir do estudo de um contexto específico para poder melhorá-lo e também oferecer sinalizações maiores, para contextos maiores. Por ser uma prática intrínseca às relações de gênero e, portanto, relações de poder, a homofobia existe em todos os setores da sociedade, sobretudo na escola como agência socializadora.

As principais pretensões do trabalho foram: considerando a escassa literatura que relaciona sexualidade e educação por um viés educacional, contribuir para o desenvolvimento de novas reflexões e para o delineamento de um modelo teórico específico sobre o objeto; incitar novos questionamentos que contribuam para o combate às práticas homofóbicas na escola; incentivar professores e alunos a uma autorreflexão constante sobre o tema e as mensagens do mundo; estimular a realização de encontros educacionais na Escola, bem como a elaboração de materiais pelos próprios alunos utilizando-se de diferentes recursos midiáticos; e contribuir para o combate às ocorrências de homofobia na Escola de Aplicação.

O trabalho divide-se em seis capítulos. No primeiro, há um breve histórico das principais políticas públicas voltadas à população LGBT no mundo, no Brasil e em

⁵² A sigla, neste formato, foi concebida em junho de 2008. Antes disso, esse grupo era também caracterizado como GLS ou GLBT. Recentemente, foram incluídos também os transgêneros.

São Paulo, na tentativa de criar um panorama com ênfase no avanço das últimas décadas. No segundo, são apresentados os fundamentos teóricos, que abordam conceitos e análises sobre educação e instituição escolar (Freire & Bruner), ciências sociais (Bourdieu; Adorno & Ianni), relações entre educação e sexualidade (FOUCAULT, M.; LOURO, G. L. & BUTLER, J.), relações entre discurso e ideologia (BAKHTIN, M.; KOCH, I. V. & MOTTER, M. L.), comunicação (LIPPMANN, W. & LOPES, M. I. V.), homofobia na escola (ABRAMOVAY, M.; BOKANI, V.; DÍAZ, M.; HELLER, A.; ITABOHARY, L. P.; JUNQUEIRA, R. D.; MAZZON, J. A. & VENTURI, G.) e Educomunicação (BARBERO, J. M., CITELLI, A. O., CASTILHO, M. C. C., GÓMEZ, G. O. & SOARES, I. O.).

No terceiro capítulo, o campo de pesquisa – Escola de Aplicação da FEUSP – é apresentado, revelando seu histórico, sua estrutura, cultura e atuação. A Escola foi incorporada em 1972 à Faculdade de Educação da USP e constitui até hoje “instância complementar para o ensino, a pesquisa e a extensão universitária”, conforme o Regimento Escolar. É uma escola pública pequena, diversificada e com especificidades, que atende o Ensino Fundamental e o Médio. Os princípios norteadores do projeto pedagógico mostram-se convergentes com princípios da Educomunicação (exemplos: educação para a cidadania; respeito à diversidade cultural, de gênero, raça, crença, sexo e classe; direitos das minorias; convivência de grupos heterogêneos; e importância do diálogo nos processos educativos). Além disso, a Escola desenvolve projetos e atividades extracurriculares, com destaque ao Projeto Orientação Sexual, que existe desde 1992 e representou uma importante descoberta para esta pesquisa.

No quarto capítulo, os aspectos metodológicos da pesquisa são descritos, com o esclarecimento dos procedimentos, do universo dos entrevistados e da coleta dos dados. A abordagem adotada foi qualitativa e, no segundo semestre de 2012, foram feitos: o levantamento bibliográfico e sua leitura, o pré-diagnóstico e o projeto de pesquisa. No primeiro semestre de 2013, foram feitos: o levantamento bibliográfico específico e sua leitura, o contato com organizações, grupos de estudo, pesquisadores e militantes, e as entrevistas com os cinco voluntários da Escola de Aplicação. Esse universo de entrevistados constituiu-se de forma plural em diversos aspectos, como gênero, tempo de atuação na Escola e nível de ensino de atuação: professora de Inglês de EFII e EM, professor de Sociologia de EM, professor de Geografia de EFII e coordenador do Projeto Orientação Sexual, professora de

Português de EM e professor de História de EM. Cada entrevista durou em média uma hora, foi gravada e transcrita posteriormente. O roteiro que serviu de guia para todas as entrevistas foi dividido em três blocos, com perguntas semiestruturadas: 1) dados do entrevistado; 2) relação do entrevistado com o tema da pesquisa, iniciativas da Escola, cultura da Escola, família e Escola, postura do professor, professor em sala de aula, professor e iniciativas LGBT; e 3) relação do entrevistado com a Educomunicação.

Além disso, foi feita uma entrevista *online* com a ativista e professora transexual Marina Reidel, do Rio Grande do Sul, com o intuito de conseguir mais subsídios para a criação de propostas educacionais de combate à homofobia, dada a sua ampla experiência em sala de aula. Ainda foi relatada a experiência de participação na atividade “Conversando sobre sexo”, do Projeto Orientação Sexual, realizada na Escola em abril de 2013, com o 8º ano do EFII. Por fim, foi também considerado o Relatório de 2012 do Projeto, disponibilizado pelo seu coordenador.

No quinto capítulo, todos os dados são então analisados e interpretados, resultando em seis apontamentos de caráter conclusivo, a saber:

1) A Escola mostrou-se um ambiente propício e rico para a abordagem de temáticas LGBT, considerando a) a sua abertura quanto à realização da pesquisa, b) o interesse dos entrevistados, c) a ocorrência de professores e alunos homossexuais e d) a existência do Projeto Orientação Sexual. Em relação a este Projeto, foram sugeridas três iniciativas: a sua inserção na agenda escolar, a elaboração de atividades de sensibilização dos educadores e a inserção de temas relacionados à orientação sexual, identidades de gênero e cidadania LGBT.

2) Constatou-se a não entrada de materiais oferecidos pelo governo na Escola, o que representa um possível indício de conflito político entre os governos estadual e federal ou de consequência pelo não esclarecimento da posição que a Escola ocupa no sistema público de ensino. Além disso, comprovou-se a ausência de temáticas LGBT nos livros didáticos e a falta de preparo dos professores quanto a abordagens e conceitos relacionados.

3) Não foram mencionados pelos entrevistados assuntos relacionados a bissexuais, travestis ou transexuais na Escola, embora as perguntas do roteiro terem sempre apresentado a sigla LGBT. Isso mostra um possível indício de invisibilidade ou evasão dessas pessoas no contexto escolar.

4) Episódios de discriminação e agressão homofóbicas no ambiente escolar foram relatados, o que comprova a existência de homofobia e machismo naquele ambiente. A professora A, por exemplo, falou de “piadas e risos”, o professor B afirmou a ocorrência de “xingamentos homofóbicos”, o professor C destacou as “posturas machistas” de alunos, a professora D citou o isolamento de alguns deles e o professor E comentou sobre a ruptura de relacionamentos entre alunos e a existência de agressão física no espaço escolar devido à orientação sexual. Foi evidenciada também a incerteza desses entrevistados sobre a eficácia da abordagem de temas como cidadania e direitos humanos por parte da Escola. Todos, ainda, afirmaram que as implicações da homofobia são necessariamente ruins na vida dos jovens.

5) Constataram-se o desconhecimento por parte dos entrevistados das iniciativas governamentais selecionadas nesta pesquisa e a distância entre o que estas pretendem e o que ocorre de fato naquela Escola.

6) Evidenciou-se a importância de levar a Educomunicação para a Escola e a necessidade primeira de ensinar os alunos a ocuparem os seus espaços e os seus processos.

No sexto capítulo, por fim, são apresentadas seis propostas educacionais com base em tudo o que foi levantado e estudado, que exploram alguns eixos práticos da Educomunicação, sobretudo aquele referente ao uso de mídias na educação, como o cinema, a televisão e a internet, que podem contribuir para a construção e a ampliação dos canais de diálogo naquele espaço escolar. A criação baseou-se, assim, na leitura dos documentos do Programa Brasil Sem Homofobia e do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, nos relatos dos professores, na entrevista com Marina Reidel, no relatório de 2012 do Projeto Orientação Sexual e na participação do encontro do Projeto.

Todas as propostas apresentam uma ficha descritiva, contendo: nome da atividade, temas, nível de ensino, objetivos, duração prevista, recursos necessários, pessoas envolvidas e etapas. Elas abordam tópicos levantados pelos entrevistados, partem de observações e análises feitas durante todas as etapas da pesquisa e utilizam métodos de trabalho coletivo e midiático, considerando a presença de educadores, responsáveis pelas mediações e orientações necessárias e pela criação de um ambiente democrático de fala e ação.

Considerou-se sempre um público-alvo de trinta alunos, de EFII e EM. Todas as atividades foram previstas para acontecerem entre 1h e 1h e 30 min., com as cadeiras em formato de semicírculo. Além disso, no início de todas, sugeriu-se a realização de um pacto entre os participantes, de respeito e confiança. A seguir, são apresentadas as propostas, de forma sintética:

1) “Menina, menino ou pessoa?”. Temas: sexo biológico, gênero, sexismo e machismo. Etapas: problematização; observação e análise de *sites* de uma loja de brinquedos; exibição de dois vídeos publicitários da Ruffles; encerramento: definição de sexo biológico, gênero, sexismo e machismo. 2) “O riso dos outros”. Temas: estereótipo, estigma, ofensa, piada, discurso ideológico. Etapas: problematização; exibição de um vídeo; exibição de três trechos do documentário “O riso dos outros”; encerramento: produção de cartazes com mensagens. 3) “Homofobia não!”. Temas: homofobia, discriminação, violência, cidadania e direitos LGBT. Etapas: problematização; exibição de quatro vídeos de campanhas contra a homofobia; debate sobre os vídeos; encerramento: produção de um vídeo de combate à homofobia; etapa posterior: edição e divulgação do vídeo. 4) “Quadrinhos de Laerte”. Temas: preconceito, identidade de gênero, machismo, heteronormatividade, orgulho LGBT, luta LGBT e engajamento. Etapas: divisão em seis grupos; leitura, interpretação e encenação de cada quadrinho; encerramento: esclarecimento das histórias encenadas e dos conceitos. 5) “Eu não quero voltar sozinho”. Temas: censura, preconceito, homossexualidade na adolescência. Etapas: exibição do curta-metragem “Eu não quero voltar sozinho”; debate sobre o filme e exibição do *site* da produtora, com uma carta sobre o episódio de censura; encerramento: escrita coletiva de uma carta resposta; etapa posterior: digitação da carta e possível auxílio da professora de Português e envio da carta ao governo do Acre. 6) “Ser homem”. Temas: estereótipo, masculino, machismo, telenovela, personagens gays. Etapas: exibição de quatro vídeos dos personagens Orlandinho, Crô, Cássio e Áureo; discussão central sobre estereotipia. Tópicos específicos: as representações do homem hétero e do homem gay e o discurso e a gesticulação de homens gays.

Também foram feitas outras indicações ao final da pesquisa, como a criação de uma página do Projeto Orientação Sexual na rede social Facebook, de um Cine Clube do Projeto, de um mural específico do Projeto na sala de professores e de um grupo de alunos para entrar em contato com pesquisadores que estudam

sexualidade e educação, a fim de organizar palestras a serem realizadas na Escola. Como considerações finais, citam-se a constatação da homofobia, a necessária reestruturação de alguns mecanismos escolares, a urgente inserção das temáticas estudadas na agenda escolar, o investimento necessário na formação de educadores e o papel fundamental do educador. A pesquisa enquadra-se, portanto, no âmbito transdisciplinar da Educomunicação, “propondo que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta, mediante projetos educacionais legitimados por criatividade e coerência epistemológica” (SOARES, I. O.).

Referências:

CITELLI, Adilson Odair & COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). *Educomunicação – Construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 24ª ed. São Paulo: Praz e Terra, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

VENTURI, Gustavo & BOKANY, Vilma. *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.